

Castelo de Vide

O castelo rodeado pelo casario branco destaca-se na paisagem e é sem dúvida a primeira surpresa para o visitante. Do alto, a paisagem alentejana adquire todo o seu esplendor. Pequenas aldeias no meio dos campos perdem-se de vista. Na encosta Norte, entre o Castelo e a Fonte da Vila, uma série de ruas mais estreitas delimitam o núcleo histórico da Judiaria. A Judiaria de Castelo de Vide é um dos exemplos mais importantes da presença dos judeus no nosso país, remontando ao século XIII, tempo de D. Dinis. Aí podemos encontrar uma das melhor preservadas judiarias de Portugal, já há alguns anos incluída num programa de recuperação de edifícios e de revitalização, onde se preserva um dos maiores espólios de arquitectura civil do período gótico. Passeie-se então, ao acaso por essas ruas íngremes e estreitas e deixe-se encantar pelo charme da sua memória medieval.

Mas Castelo de Vide tem outros monumentos que valem a pena visitar. Falamos por exemplo da Capela do Salvador do Mundo, a mais antiga (finais do séc. XIII) cujo interior está coberto de painéis de azulejos azuis e brancos, ou da Capela de São Roque construída no séc. XV e reconstruída no séc. XVIII. Mas estas são apenas duas das 24 igrejas existentes. Se ainda tiver tempo e vontade, pode subir ao monte fronteiro a Castelo de Vide, onde fica a Capela de Nossa Senhora da Penha e de onde tem uma outra perspectiva da vila.

Castelo de Vide sempre foi conhecida pelas suas riquezas naturais nomeadamente pelas termas, cuja água tem propriedades terapêuticas. Pode encontrar várias fontes sendo a Fonte da Vila e a Fonte da Mealhada as mais conhecidas. No entanto aqui fica um alerta. Fique sabendo que, a acreditar nos ditos populares, quem bebe da água da Fonte da Mealhada há de voltar a Castelo de Vide para casar. Estes são os melhores locais para visitar em Castelo de Vide.



1. Castelo de Castelo de Vide

Antigamente os habitantes de Castelo de Vide residiam dentro das robustas muralhas exteriores deste castelo. Hoje em dia conserva uma pequena zona habitacional interior, com a Igreja de Nossa Senhora da Alegria (Século XVII). A partir do castelo poderá desfrutar de uma maravilhosas vista sobre a cidade e arredores. Foi construído pelo Rei D. Dinis e o seu irmão Afonso, entre 1280 e 1365 e está coroado por uma torre redonda de 12 metros de altura (Torre de Menagem).

No interior do castelo encontra-se o Centro de Interpretação do Megalitismo, com extensos painéis informativos que explicam os antecedentes, a história e as

características dos megalitos desta zona do Alentejo. Na sala superior alberga o Museu de História e Arquitectura Militar, com uma exposição cronológica dos Reis do castelo entre os séculos XII e XIX. Este museu também exhibe alguns mosquetes, balas de canhão e ferramentas de pedra.



2. Judiaria

Numa encosta virada para a nascente e adossada ao velho casco medieval desenvolve-se a Judiaria de Castelo de Vide. Num acentuado declive serpenteiam as estreitas calçadas que se desenvolvem desde a Porta da Vila, no castelo, até à Fonte da Vila, em tudo semelhantes às que formam o restante núcleo medieval de Castelo de Vide. Torna-se interessante verificar que a comunidade judaica de Castelo de Vide evoluiu entre dois espaços fundamentais – o velho Largo do Mercado e a vetusta Fonte da Vila. O Judeu, pela sua vivência em diáspora, ligou-se fundamentalmente, às actividades mercantis, justificando-se, mutuamente mercado e judiaria, no mesmo espaço – encosta nascente do Castelo. Ainda que de difícil delimitação urbana, a Judiaria de Castelo de Vide desenvolveu-se, fundamentalmente, pelas ruas da Fonte, do Mercado, do Arçário, do Mestre Jorge, da Judiaria, da Ruinha da Judiaria, da actual Rua dos Serralheiros e da Rua Nova. A amplitude deste espaço pode compreender-se devido à proximidade de Castelo de Vide com a fronteira castelhana.



3. Fonte da Vila

Classificado como IIP (Imóvel de Interesse Público) desde 1953, é o Ex-Líbris da Vila, constitui um monumento que se destaca entre outros, não só pelo seu valor artístico, como pelo conjunto arquitectónico e urbanístico em que está inserida. Situa-se em pleno Largo Dr. Frederico Laranjo. Analisando-se a planta de delimitação do bairro judeu de Castelo de Vide, pode concluir-se que a fonte estava integrada no mesmo. Este existiu desde o séc. XIV ao séc. XV. A fonte foi um foco de desenvolvimento radial de ruas que se desenvolveram à sua volta, deduzindo-se que terá sido construída no séc. XVI, no reinado de D. João III, embora também seja provável que a sua construção seja de várias épocas, em que no início terá existido apenas uma nascente, inicialmente transformada numa pequena fonte de água potável, que no séc. XVI foi mandada construir.



4. Igreja Matriz de Castelo de Vide

A sua construção teve início em 1789, no local onde existiria uma pequena capela, fundada em 1311 por Lourenço Pires e sua mulher. Concluí-se por volta de 1873. É um templo vastíssimo, porventura o maior do Alto Alentejo. A igreja de Santa Maria da Devesa está situada no extremo Oeste da Praça D. Pedro V. O edifício orienta-se para Sul, serve-lhe de acesso um lanço de escadarias, deitando para um adro vedado por gradeamento de ferro, com pilastras de granito, o qual contorna todo o monumento pelo lado Sul. Esta igreja é constituída por um conjunto de sete volumes: nave, capela-mor, transepto, duas torres sineiras e duas sacristias.



5. Sinagoga de Castelo de Vide

A Sinagoga de Castelo de Vide está localizada na antiga judiaria da cidade, muito próxima ao Castelo. A judiaria alcançou o seu apogeu no século XV, após a expulsão dos judeus de Espanha. Hoje em dia a sinagoga foi convertida em museu, sendo a principal recordação daquela época. O museu inclui a sinagoga original com duas salas, uma para homens e outra para mulheres; um tabernáculo de madeira e uma arca sagrada onde se guardam os rolos da Torá. As restantes salas exibem uma magnífica colecção de peças sobre a história das comunidades judias em Castelo de Vide.



6. Portas ogivais

Castelo de Vide apresenta um dos mais importantes e interessantes conjuntos de portas ogivais actualmente existentes no País. Datando dos séc.s XIV e XV o seu número total é de sessenta e três. Essas portas encontram-se em muitas das ruas, principalmente na parte mais antiga do Centro Histórico, com grande aglomeração na Judiaria e Rua de Santa Maria de Cima.

Se algumas são simples portas ogivais, sem qualquer decoração, muitas apresentam-se decoradas tanto ao nível das ogivas, como das impostas e ombreiras. Como elementos decorativos são empregues as esferas, toros e caneluras, conjuntamente com arestas vivas e motivos vegetais. O peixe aparece numa única porta do séc. XVI (Rua Nova), mas também há estilizações do Sol e das estrelas (Penedo).



7. Muralhas de Castelo de Vide

A pequena fortaleza primitiva viu crescer à sua volta um aglomerado populacional que procurava protecção dos ataques dos inimigos em épocas de guerra. O alargar do casario no pequeno planalto adjacente à fortaleza e o número sempre crescente dos que procuravam a sua protecção, tornou-a demasiado pequena para receber tanta gente em caso de perigo.

A cintura de muralhas terminadas no reinado de D. Afonso IV apresenta uma forma poligonal alongada sub-rectangular estendida no sentido nascente poente.



8. Menir da Meada

A freguesia de Póvoa e Meadas, em Castelo de Vide, Alentejo, pode orgulhar-se de ter o Menir da Meada, o menir de maiores dimensões de toda la Península Ibérica. É um gigantesco monolito que ultrapassa os 7 metros de altura e as 18 toneladas de peso. Este incrível menir estava seccionado e derrubado até 1993, data em que foi restaurado. Crê-se que a sua altura se deve ao fato de pertencer a uma linha de menires organizados cuidadosamente para que cada um fosse visível a partir do seguinte, sendo o Menir da Meada o que se encontrava a menor altitude de todos.



9. Nossa Senhora da Penha

A Ermida de Nossa Senhora da Penha ergue-se altaneira na Serra de São Paulo, sobranceira à bonita vila de Castelo de Vide, em pleno Alentejo. Edificada no século XVI esta é uma construção simples constituída por nave, capela-mor redonda e sacristia, sendo o seu interior forrado com azulejos policromos do século XVII. A Ermida situa-se no alto no monte, acedendo-se por uma longa escadaria que termina no adro deste templo, onde se ergue um cruzeiro, colocado no início do século XX.



Arronches

Arronches é uma bonita vila Alentejana, sede de município, situada bem próxima da fronteira com Espanha, caracterizada pelo seu alvo casario alegrado por faixas coloridas que rodeiam rodapés, janelas e portas.

Pela sua situação geográfica, Arronches foi um importante bastião de defesa na Idade Média, como se pode constatar pelo que ainda resta do Castelo, que chegou aos nossos dias apenas com os vestígios de uma das suas torres.

Quanto ao património cultural, conta-se com a Igreja Matriz, os Paços do Concelho, a Igreja da Misericórdia, o Convento e Igreja de Nossa Senhora da Luz.

Parte do concelho de Arronches está inserido na área do Parque Natural da Serra de S. Mamede, e toda a sua envolvente natural é de grande beleza, albergando uma grande diversidade de espécies de fauna e flora, proporcionando bonitas paisagens e condições para a prática de variadas actividades de lazer e desportivas.



1. Pinturas rupestres de Vale de Junco

Abrigo rochoso com pinturas rupestres também conhecido como Lapa dos Gaivões, onde são visíveis, entre outros motivos, animais e figuras humanas. Está classificado como Monumento Nacional. Localiza-se na vertente sudoeste da Serra dos Louçães, limite sul do Parque Natural da Serra de São Mamede. A lapa encontra-se num abrigo rochoso de natureza quartzítica. Apresenta pinturas em tons vermelhos, tendo sido divulgadas em 1916, enquadrando um conjunto de pinturas rupestres de ar livre em Portugal.



2. Igreja matriz da Nossa Senhora da Assunção de Arronches

A primitiva Igreja de Nossa Senhora da Assunção foi edificada em 1236, depois desta povoação ter sido reconquistada por D. Sancho II, e doada por este monarca ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Em 1512 D. Manuel outorgava a Arronches a carta foral e, passados alguns anos, a Igreja seria reedificada.

De estilo manuelino, com um portal renascentista de arco redondo decorado com oito querubins esculpidos e dois bustos guerreiros em alto relevo. A sua fachada suportada por duas pilastras de cantaria foi reedificada no século XVIII. No interior, é constituída por três naves abobadadas com nervuras, destacando-se o altar-mor de mármore ladeado por doze cadeiras de madeira.



3. Fortaleza de Arronches

Em 1255 D. Afonso III mandou construir o castelo sobre as ruínas de uma fortaleza romana. Com D. Dinis o Castelo foi reconstruído e remodelada a Torre de Menagem. Este castelo viria a sofrer ataques por duas situações, a crise 1383-85 e durante a guerra da Restauração.

Atualmente o que resta é simplesmente a Torre de Menagem e um pequeno troço da muralha.



4. Igreja da Nossa Senhora da Luz

Templo fundado em 1570 pelos religiosos Agostinhos Calçados, no lugar onde existia a ermida de Nossa Senhora da Luz. Foi, posteriormente, vendido a particulares.

Igreja de nave única com planta quase em cruz grega. É formada por capela-mor e duas capelas laterais que terminam em cúpulas pintadas, com zimbórios. Realce para o pórtico renascença, em mármore, com medalhões nos cantos e um frontão concheado, bem como para a galilé, formada por arcos de volta inteira assentes em colunas de granito. A torre sineira é rematada por uma pequena cúpula.



5. Museu de (A) brincar

Situado no edifício da antiga fortaleza de Arronches, o Museu de (A) Brincar pretende dar a conhecer o brinquedo e o brincar através do tempo.

Os brinquedos da coleção estão organizados de forma interessante e por temas: a memória do lugar, os mestres carpinteiros de carroças, brinquedo de cá, canto da bonecada, por terra, mar e ar, jogos e passatempos, maquetes de papel, teatro de fantoches, classe de Escola do “Estado Novo” e Portugal dos pequenitos.

No final da visita, os brincadores mais pequeninos poderão divertir-se com alguns brinquedos colocados à sua disposição no espaço Vamos Brincar e aproveitarem para tirar algumas fotografias de recordação.



Marvão

Está na hora de visitar Marvão, uma das pérolas do Alentejo. No distrito de Portalegre, bem no coração do Parque Natural da Serra de São Mamede, Marvão coroa a crista de rocha inexpugnável no cume da Serra do Sapoio.

São mais de 800 metros de elevação. São mais de 800 anos de história. São mais de 800 encantos. A majestosa vila amuralhada de Marvão tem tal fascínio que jamais é esquecida por quem a visita.

Saramago um dia disse que de Marvão via-se a terra toda. Quem sobe ao Castelo de Marvão vai perceber o porquê quase de imediato. Esta podia ser a terra toda. Lá do alto do seu castelo, somos tomados de espanto com a extensão da maravilhosa paisagem da Serra de São Mamede. A perder de vista. De tirar o fôlego. De cair de amores.



1. Cidade Romana de Ammaia

Trata-se das ruínas de uma antiga cidade romana situada num vale hoje no coração do Parque Natural da Serra de São Mamede. Em sua época, "Ammaia", na província romana da Lusitânia, possuía um território administrativo que englobava uma grande parte do atual distrito de Portalegre e que se estendia também para território hoje espanhol. Identificada e estudada a partir de meados da década de 1930, as suas ruínas encontram-se classificadas como Monumento Nacional desde 1949.



2. Ponte Quinhentista da Portagem/Piscina Fluvial

A Ponte em Granito da Portagem, que transpõe o Rio Sever, é um dos muitos "ex-libris" do concelho de Marvão e pode ser considerada como uma das mais perfeitas obras de engenharia viária conhecidas no Alentejo.

A sua localização nas proximidades da Cidade Romana de Ammaia (freguesia de S. Salvador de Aramenha), juntamente com a presença de materiais romanos nas suas imediações, têm contribuído para que praticamente todos os autores a considerem como obra dos romanos ou do seu tempo.



3. Câmara Velha – Casa da Cultura de Marvão

É um dos mais importantes elementos da arquitectura civil da vila e, simultaneamente, o maior edifício antigo da mesma, o que, conjugado com a sua localização, atesta a sua importância política e administrativa através dos tempos. Olhando para a frontaria do dito edifício, observamos que se lhe adossa a Torre do Relógio. É também pela Torre do Relógio que se acede às prisões do rés-do-chão da Câmara Velha, cujas janelas dão para a fachada principal. Os dois compartimentos são hoje uma Oficina/Loja de Artesanato e também uma Sala de Exposições. No pequeno hall de acesso, esteve instalada a antiga Cavalaria e, posteriormente, funcionou a Sala de Aferições. A antiga Sala da Guarda, situada no segundo andar, tem porta para a torrinha balconada que guarda o sino da Câmara e uma outra, de abertura recente, que a faz comunicar com o resto do edifício. Sala do Antigo Tribunal é encantadora e absolutamente singular, dada a conjugação entre a modéstia do espaço e a sobrevivência do forte mobiliário de castanho, pintado a azul e com recortes barrocos.



4. Castelo-Fortificação Medieval

O Castelo de Marvão foi uma fortificação estratégica de detenção, orientada para a fronteira, de que dista uns escassos 13 Km. Constituiu também um eficaz lugar de refúgio e um extraordinário ponto de observação e vigilância, já que dominava claramente a segunda via mais importante de penetração dos exércitos do país vizinho, a partir de Valência de Alcântara, numa vasta zona do Alto Alentejo que vai de Badajoz ao rio Tejo. A sua inserção estratégica é clara: faz parte da primeira linha de detenção, pós Tratado de Alcanizes, que vai, no actual Distrito de Portalegre, de Montalvão a Elvas. Como quase todas as fortificações de primeira linha de detenção, metamorfoseou-se ao longo do tempo, procurando responder às novas tecnologias de guerra. A fortificação abaluartada veio então reforçar as entradas na cerca urbana, Portas de Ródão, Portas da Vila e Postigo do Torrejão, ao mesmo tempo que reforçou a defesa do Castelo na sua zona mais vulnerável: a continuação da crista para NO. Dadas as características orográficas do lugar, a defesa da fortificação só necessitaria cuidados num número reduzido de pontos.



5. Museu Municipal De Marvão

A Igreja de Santa Maria, há muito fechada ao culto, e em avançado estado de ruína, foi recuperada para a instalação do Museu Municipal de Marvão.

No dia 7 de Novembro de 1987 abriram-se, pela primeira vez, aos visitantes as portas do Museu, tornando-se realidade uma velha aspiração das populações deste concelho, que, oferecendo ou cedendo peças, em muito contribuíram para tornar possível este projecto. A apresentação do rico e variado espólio obedeceu ao propósito de oferecer ao visitante um passeio pela História do Concelho de Marvão, desde o Paleolítico aos tempos dos nossos avós.

No Museu Municipal de Marvão poderão ser admiradas colecções de: Arte Sacra, Arqueologia e Etnografia.



6. Igreja de São Tiago

Situada a pouca distância de Santa Maria, no mesmo plano, é paróquia do século XIV, igualmente, da Ordem do Hospital, passando a Priorado de Malta.

O volume arquitetónico próximo da igreja anterior, conserva grande parte, além do espaço, dos elementos primitivos góticos.

Portal com gablete encimado por uma cruz, integrando arquivoltas quebradas com molduras redondas, capitéis simples, sem decoração, colunas e bases lisas.

Este complexo arquitetónico oferece um conjunto de valores diversificados que vão desde o gótico, século XIV/XV, até ao século XVIII, onde se integra um sacrário pintado do Renascimento, mal conservado e um valioso conjunto de paramentos de seda, veludo, brocado, do século XVI ao século XVIII.



7. Moinho Da Cova-Portagem

O Centro de Interpretação Cultural e Ambiental do Moinho da Cova como o próprio nome indica está instalado num antigo moinho de água junto à Praia fluvial do rio Sever, na povoação da Portagem no concelho de Marvão. A reconversão deste antigo moinho em equipamento de interpretação ambiental e cultural permite reproduzir de forma interativa uma atividade secular e de elevada importância para a região, a moagem, ou não fosse o Alentejo o celeiro de Portugal. Este edifício é constituído por 2 andares, anteriormente, moinho no piso inferior e casa do moleiro no piso superior. Atualmente o piso inferior apresenta uma exposição museológica permanente onde os visitantes podem conhecer e reviver o passado, ajudando-os a melhor compreender a história e o dia a dia de um moinho de grão com algumas centenas de anos.



Portalegre

1-Colégio de São Sebastião/Câmara Municipal de Portalegre/Posto de Turismo

Começamos a nossa visitando antigo Colégio de São Sebastião, recentemente reabilitado para sede do município.

Situa-se aqui o posto de turismo, onde se pode esclarecer sobre os passos seguintes do seu roteiro, neste espaço também encontrará uma galeria com exposições temporárias.

Este enorme edifício, carregado de história, com a sobriedade da arquitectura chã do período da Restauração, ou se quisermos do estilo Jesuítico de inspiração nacional.

Para este edifício se transferiram os Jesuítas, em data que não se sabe precisar.

Com a expulsão dos Jesuítas em 1759, este edifício foi reabilitado para nele se instalar a real Fábrica de Lanifícios, em 1772.

Depois de várias vicissitudes, e estando há muito em mãos de particulares, a fábrica encerrou as suas portas no ano de 1896. Em 1947 instalou-se a Manufatura das Tapeçarias de Portalegre que ali permaneceu, tal como a Banda Euterpe durante décadas, até à reabilitação do edifício para a actual funcionalidade.



2-Praça da República

Antiga Praça do Corro, a Praça da República é uma Praça de grandes dimensões, com uma forma retangular e uma fonte que remata um dos extremos. Possui alguns estabelecimentos comerciais e agradáveis espaços de lazer. Durante o século XIX e início do século XX acolheu o mercado da cidade.



3- Convento de São Francisco

Situado junto à Praça da República, em Portalegre, é uma das construções mais antigas da cidade e foi uma das primeiras casas da Ordem dos Frades Menores a ser fundada em Portugal.

Iniciou-se como convento masculino, mendicante, de fundação ducentista, com intervenções renascentistas (sarcófago e retábulo), maneiristas (retábulo da capela de Gaspar Fragoso e em pinturas murais das capelas da nave) e barrocas (altar-mor e painéis de azulejos barrocos na capela-mor).

A extinção das Ordens Religiosas determinou a rápida degradação do convento, que foi depois parcialmente adaptado como quartel. A igreja passou também para a posse dos militares em 1910, altura em que deixou de estar aberta ao culto.



4-Antiga Fábrica Robinson

É impossível documentar a história da unidade corticeira sem referir a família Robinson. Não só foram os fundadores da mesma, como também os principais investidores e proprietários durante os seus cento e sessenta anos de produção e tratamento de produtos derivados da cortiça. Quando se fala sobre o desenvolvimento industrial as primeiras cidades mencionadas são os grandes centros metropolitanos dos séculos XVIII e XIX, como Londres ou Lisboa. Muito dificilmente alguém mencionará Portalegre. Todavia, a pequena cidade do interior lusitano foi outrora o palco da ascensão da indústria corticeira nacional, categorizada na imponência da fábrica Robinson. Encerrada desde 2009, a fábrica viveu momentos difíceis nos últimos anos de funcionamento, e atualmente apenas sobram as ruínas da glória de outrora; literalmente, pois a falta de modernização das máquinas e infra-estruturas por parte das gerências mais recentes permite a visualização de tecnologia obsoleta do século passado. Contudo, os pesadelos do presente não devem desvanecer os méritos do passado, no tempo em que empregava perto de dois mil trabalhadores e ancorava o desenvolvimento económico e social portalegrense.



5-Palácio Achioli/Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

O palácio Achaioli (ou Achioli, ou mesmo Acchioli) situa-se na Praça do Corro, hoje Praça da República, em Portalegre, no mesmo local onde, segundo a tradição, ficava o edifício em que viveu D. Iria Gonçalves Pereira, mãe de D. Nuno Álvares Pereira.

O palácio foi construído no século XVIII, por uma importante família de origem italiana, a família Acciaioli. Em estilo barroco, de linhas geométricas, mantém as características da época. Possui dois andares, com uma fachada sóbria. O rés-do-chão abre para o exterior por janelas guarnecidas de cantaria. O primeiro andar ostenta sacadas embelezadas com gradeamento de ferro.



6-Casa Museu José Régio

A Casa-Museu José Régio em Portalegre foi instalada naquela que foi a habitação de José Régio durante 34 anos.

Quando José Régio foi colocado no Liceu Mouzinho da Silveira, em Portalegre, na casa funcionava uma pensão, onde se hospedou.

Data dos finais do século XVII e terá sido um anexo do convento de S. Brás, do qual ainda existem alguns vestígios, nomeadamente da capela. Também serviu como quartel-general aquando das guerras peninsulares e muito mais tarde pensão 21. As várias coleções estão distribuídas por 17 salas de exposição permanente e por uma sala de reservas, em dois pisos.

Além deste espólio, a Casa-Museu possui um variado acervo literário dividido entre a própria casa, as reservas e o centro de estudos.



7-Porta de Alegrete

Datada do século XIII, a Porta de Alegrete é, actualmente, conhecida por Arco de Santo António, dada a existência ali de um nicho com a imagem daquele santo, padroeiro da cidade de Portalegre, ou ainda por Porta de São Francisco.

Devia ser a porta de maior movimento da cidade, uma vez que era o elo de ligação entre a sua parte mais importante e os lugares de lazer, os mercados e os acessos às Freguesias rurais mais populosas. Devia ser a porta de maior movimento da cidade, uma vez que era o elo de ligação entre a sua parte mais importante e os lugares de lazer, os mercados e os acessos às Freguesias rurais mais populosas.



8-Casas Apalaçadas de Portalegre

Palácio dos Condes de Melo/Palácio D. Nuno de Sousa

Datado dos Séc. XV, XVI e XVII, este palácio foi mandado edificar por D. Nuno Vaz de Sousa e veio a pertencer aos Condes de Melo e aos Condes de Vila Real.

Palácio do Visconde de Portalegre

Datado dos Séc. XVII e XVIII, este palácio foi construído por um dos governadores de Portalegre em estilo barroco.



9-Sé Cathedral

Embora se denotem diversas alterações estruturais derivadas das campanhas barrocas, a tipologia original da Sé de Portalegre insere-se no conjunto de igrejas-salão construídas por todo o reino a partir da década de 50 do século XVI, baseadas no figurino manuelino mas recorrendo a novos elementos estruturais, e desenvolvendo uma linguagem despojada e austera, de características militares. A sua traça é atribuída ao arquitecto régio Miguel de Arruda, responsável pelas mais importantes obras de iniciativa régia, durante o reinado de D. João III, ficando a direcção da fábrica de obras a cargo do mestre João Vaz.

A fachada da Sé apresenta-se definida por dois grandes torreões laterais, com o ritmo marcado pelos diversos contrafortes, revelando a formação militar do autor do projecto, ao mesmo tempo que conjuga os elementos barrocos da campanha de 1795, nomeadamente os portais, principal e laterais, e os diversos janelões que foram rasgados para permitirem a iluminação interior do templo.



10-Museu Municipal de Portalegre

Criado em 1901 por proposta do Dr. Severino Sant'Anna Marques, o Museu Municipal de Portalegre foi inaugurado em 1918 nas dependências da Câmara Municipal, onde ocupou uma pequena sala.

Em 1959, o Museu é transferido do Mosteiro de São Bernardo, onde se encontrava desde 1932, para a sua atual localização, uma casa nobre do séc. XVI situada junto à Sé de Portalegre, que fora anteriormente Seminário Diocesano, Escola Normal e Escola Primária.

Nesse mesmo ano o edifício entra em obras de adaptação, tendo-se procedido á inauguração das novas instalações do Museu a 28 de Maio de 1961.

O Museu Municipal de Portalegre possui uma riquíssima coleção de Arte Sacra, proveniente, na sua quase totalidade, de dois antigos conventos de Portalegre, Santa Clara e São Bernardo, Mobiliário, Faiança Portuguesa e outras Artes Móveis, provenientes maioritariamente de doações de particulares.



11-Museu das tapeçarias de Portalegre-Guy Fino

Localizado no antigo Solar Caldeira Castelo Branco, presta homenagem ao seu fundador, o industrial Guy Fino, um profundo conhecedor da Indústria de Lanifícios, que conseguiu captar o interesse de inúmeros artistas para a experiência da tapeçaria moderna. O Ponto de Portalegre, criado por Manuel do Carmo Peixeiro, confere a estas tapeçarias uma extraordinária capacidade de expressão e total fiabilidade na reprodução do desenho. Podem ser vistas no museu obras de uma grande variedade de autores, nacionais e estrangeiros, como Almada Negreiros, Júlio Pomar, Vieira da Silva, Costa Pinheiro, Lourdes de Castro, Eduardo Nery, Menez, Graça Morais, José de Guimarães, ou ainda Jean Lurçat e Le Corbusier.



12-Porta da Devesa

Datada do século XIII, esta porta é uma das insígnias da cidade. O seu nome tem origem no facto de separar a povoação propriamente dita do campo fértil que nesse tempo se lhe seguia, ou ainda por ser o terminus dessa mesma povoação.

Ainda hoje, quem bem olhar, desfruta dali um dos mais belos panoramas que a nossa cidade nos oferece, sendo o encanto de muitos amantes da fotografia.

Podemos admitir que esta porta também fosse conhecida por Porta do Espírito Santo por se avista dali a igreja e o largo com este nome. Esta porta tinha duas torres emparelhadas (antigas armas da vila e depois cidade de Portalegre), tal como se vêem reproduzidas na frontaria do Paços do Concelho.



13-Plátano do Rossio

É um Plátano plantado num jardim da cidade Portalegre, cuja sombra é muito apetecível principalmente no Verão. A copa é considerada ser a maior da península ibérica.

Esta árvore que foi plantada em 1838, pelo botânico Dr. José Maria Grande, junto a uma linha de água, tem hoje o tronco em grande parte soterrado, em virtude dos aterros sucessivos para nivelamento do actual arruamento.

Está considerado de interesse público por decreto publicado em "Diário do Governo"

